

Artesanato de palma

ÂNGELA MARIA V. DIAS

RESUMO

Desde os primórdios da humanidade que o homem cria, transforma e utiliza objectos, aproveitando os recursos que o meio ambiente lhe pode fornecer. Estes objectos — objectos culturais e que fazem parte da cultura material duma dada sociedade — respondem a necessidades, facilitam a subsistência e tornam-na possível nas mais variadas regiões da Terra.

Fabricar recipientes para transportar mais eficazmente maiores quantidades de frutos, parece ter sido uma tarefa já existente nos tempos pré-históricos.

Com base numa recolha efectuada na região do Algarve, é feita a descrição da manufactura duma alcofa de «empreita» (peça de artesanato executada com as folhas da palmeira-anã).

Palavras-chave: Subsistência e aproveitamento do meio; Colheita e transporte de frutos; Técnicas de aproveitamento de espécies vegetais.

RESUMÉ

Dès l'origine de l'humanité que l'homme crée, transforme et utilise des objets, en profitant des ressources que le milieu lui peut fournir. Ces objets — des objets culturels et qui font partie de la culture matériel d'une certaine société — répondent à des besoins, facilitent la subsistance et la rendent possible dans les plus divers régions de la terre.

Fabriquer des récipients pour porter avec plus d'efficacité une quantité plus grande de fruits, semble avoir été une tâche déjà existante à la préhistoire.

On fait la description de la manufacture d'une «alcofa de empreita» (pièce d'artisanat exécutée avec les feuilles du palmier nain) avec l'appui des renseignements pris à la région de l'Algarve.

Mots-clef: Subsistance et profit du milieu; Récolte et transport de fruits; Techniques de profit des espèces végétaux.

I — A SUBSISTÊNCIA E A TECNOLOGIA

«Através das idades, o homem com saúde e segurança desloca-se orgulhosamente nas planícies ou nas pastagens, dando mostras de bravura. Ferido pela doença, ele apenas pode arrastar-se, gemendo, para o seu abrigo, como qualquer outro animal».

WELLS, 1969, p. 19.

O organismo humano está programado, do ponto de vista genético, para produzir os componentes físicos e químicos que lhe permitem o seu crescimento e reprodução, desde que possa retirar do meio ambiente os elementos e substâncias necessários à sua subsistência (oxigénio, água, vitaminas, sais minerais, proteínas, lípidos, hidratos de carbono) e disfrute duma temperatura ambiente dentro de determinados valores compatíveis com a sua sobrevivência (TITIEV, 1985).

Do ponto de vista anatómico e, especialmente no que respeita ao aparelho osteo-muscular, o homem é um animal pouco especializado — não é o que possui maior agilidade, maior acuidade visual ou auditiva, maior capacidade de resistência ao frio, mais importantes «armas naturais» de defesa, etc. — mas, se o não fosse, estaria limitado a um número restrito de acções e a um determinado meio ambiente. A nossa espécie possui, como especificidades anatómicas: um enorme desenvolvimento do córtex cerebral, posição erecta que deixa as mãos disponíveis (as quais são capazes de efectuar movimentos delicados e apresentam ainda a sensibilidade bastante desenvolvida), pés simultaneamente robustos e flexíveis para suportarem o peso do corpo e caminharem ou correrem e o seu aparelho visual propicia-lhe visão estereoscópica que permite a avaliação da profundidade e da distância. O homem detém uma ampla capacidade de agir sobre o meio ambiente, de forma a criar, utilizar e aperfeiçoar artefactos (que usa como prolongamentos transitórios do seu organismo, para satisfazer necessidades) que lhe facilitam a sobrevivência. De posse de capacidade mental para lidar com abstracções e simbolizar, são criados significantes (símbolos, que podem ser individuais, e sinais, que são arbitrários e convencionais, portanto, necessariamente sociais) e significados — os quais existem em função dum grupo que os reconhece, transmite e pode transformá-los — que, ao produzirem emoções, induzem alterações bio-fisiológicas e dão origem a uma resposta comportamental. Interioriza conceitos, efectua valorizações, cria normas; elabora a percepção de si (incluindo a do seu «papel» e do seu «status») e do que o rodeia; utiliza a memória que possui um carácter reconstrutivo, em parte conceptual e em parte inferencial do passado (BRINGUIER, 1978) e, para além disso, faz previsões e planos (sem pré-determinação genética, elabora métodos para atingir objectivos, tanto uns como os outros, susceptíveis de reajustes e modificações). Estas últimas características aliam-se à memória, pensamento simbólico e linguagem, que se interligam entre si e com os objectos, permitindo-lhe traba-

lhar individualmente ou em grupo, criando, modificando e adaptando os objectos culturais, em função de situações novas. Faz os objectos dependerem de si, mas ao mesmo tempo também depende deles; eles constituem uma «segunda natureza», que lhe permite sobreviver e multiplicar-se, nas mais variadas regiões do globo terrestre (TITIEV, 1985) e apesar da modificação dos ambientes locais (na impossibilidade de obter grandes modificações biológicas, modifica a sua cultura material). Mas, se a biologia se serve da cultura como apoio (e das características de funcionamento cerebral e da existência em grupo que estão na origem desta última), também a cultura pode influenciar a biologia, limitando o desenvolvimento de potencialidades e lesando até o próprio equipamento biológico ao criar e utilizar objectos, como por exemplo na China tradicional, o uso de faixas ligando os pés das mulheres — situação de inconformidade bio-cultural. Um tipo diferente de inconformidade bio-cultural é devido aos efeitos destrutivos, não desejados, de tecnologias que implicam elevado grau de poluição, nas sociedades desenvolvidas.

II — O APROVEITAMENTO DE MATÉRIAS VEGETAIS FLEXÍVEIS

Desde os tempos mais remotos que a espécie humana aproveita fibras vegetais para atar ou fabricar recipientes destinados à colheita, transporte e conservação de frutos. No entanto, devido à deterioração fácil destes materiais, é difícil encontrar os seus vestígios (Fig. 1) e as referências mais antigas, geralmente, chegam até nós através de pinturas rupestres (Figs. 2 e 3).

Em toda a região mediterrânica e também no Algarve, cresce uma palmeira anã, algumas vezes chamada palmito (espécie *Chamaerops humilis* — a única espécie de palmeiras que cresce espontaneamente na Europa), cujas folhas dão origem a um artesanato de palma tradicional nesta zona. Esta palmeira desenvolve-se em terrenos secos, argilosos, barrentos ou calcários e são-lhe propícias as temperaturas elevadas (KUONI, 1981).

No que diz respeito ao Algarve, do século XVI — época em que existe um comércio intenso, especialmente com o Norte de África, Andaluzia, Lisboa e também com o Norte da Europa, exportando-se sobretudo produtos agrícolas — chegam-nos informações sobre o aproveitamento da palma:

«Nas-ce tão bem no Algarve a palma montezina de todos bem conhecida pollo uzo que temos della; criasse em montes pellas serras, e tãobem por toda a outra terra má, e boa...»

«...Dos olhos desta palma que se colhem quando estão tenros, a que chamão cogolhos fazem obras proveitozas, e outras tão delicadas e custosas que por maravilha as levão por Reynos estranhos. Dos cogolhos mayores se fas grande multidão de alcofas pintadas de vermelho e preto, que durão muito, e são de boa serventia por serem leves e limpas. Dos outros mais pequenos se fazem sombreiros que se chamam palhetes com seus cordões do mesmo festejados de tanta laçaria arte, e que em toda a parte onde os levão são de muita estima...» (MAGALHÃES, 1970).

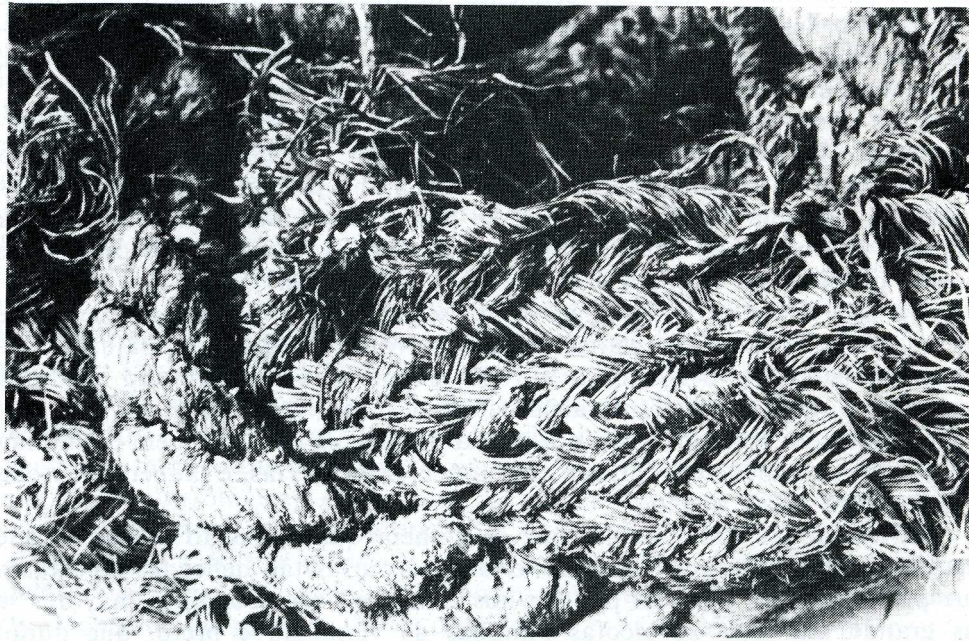
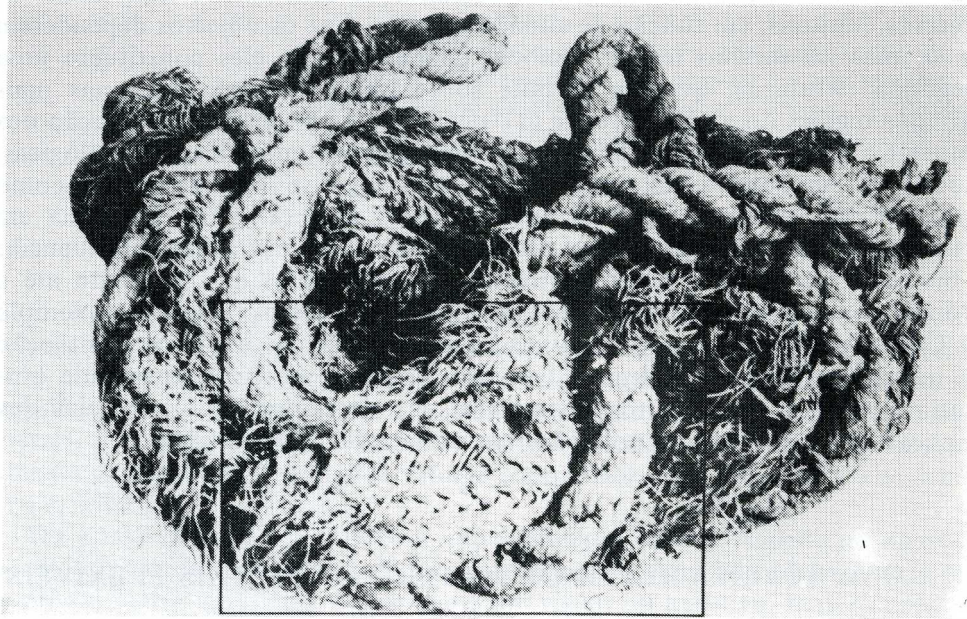


Fig. 1 — Recipiente em esparto da época romana usado nas minas de Mazarrón.
Peça de grande tamanho (70 × 48 cm.). Abaixo: pormenor do recipiente

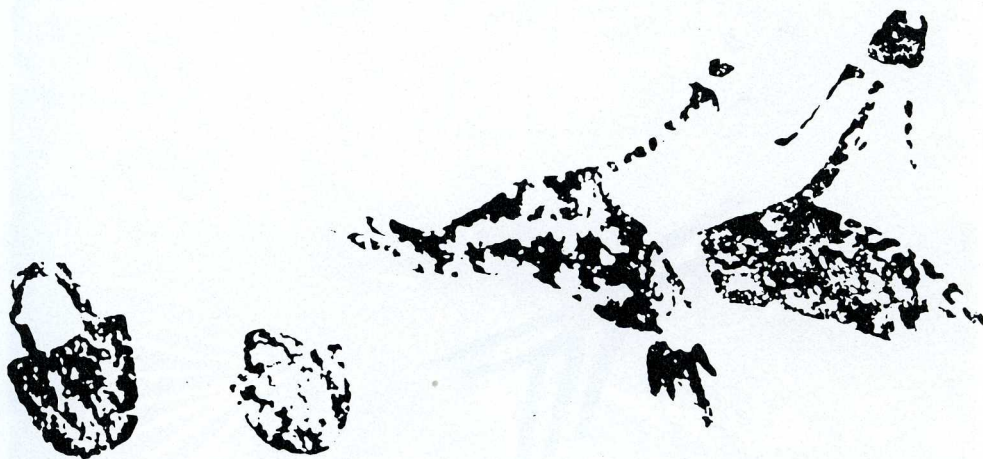


Fig. 2 — Mulheres com cestos. Pintura rupestre em Racó de Molero. Castellón de la Plana

Com a palma são fabricados, por exemplo, chapéus, vassouras, alcofas pintadas e, muito especialmente, recipientes para transportar, secar ao sol ou guardar frutos (amêndoas, alfarrobas, figos, uvas e passas de uvas, ameixas, laranjas, etc.). Deste modo, a indústria artesanal de palma desenvolve-se, em grande parte, ligada à fruticultura (esta serve de motor impulsionador do artesanato de palma, esparto e junco — fibras vegetais de crescimento espontâneo nesta região).

III — AS DIFERENTES FASES DA MANUFACTURA DUMA ALCOFA DE EMPREITA: A ALCOFA TRINCHADA

No mato da região do Algarve — como noutras regiões de clima mediterrânico — cresce espontaneamente uma palmeira anã, que se desenvolve a pouca altura do solo (o seu diâmetro, muitas vezes, excede a sua altura, que é de aproximadamente um metro (Fig. 4)). A palma exterior é mais grossa, mais dura, menos perfeita e só se consegue arrancar cortando o pé com uma faca; é utilizada para o fabrico de vassouras. A palma que nasce na parte central do arbusto é, pelo contrário, mais maleável, menos espessa e arranca-se puxando simplesmente pelo pé; esta é a palma utilizada para a «empreita».

Na Andaluzia, em que a palma é objecto duma ampla comercialização, a sua colheita efectua-se durante os meses de Junho e Julho, quando atingiu



Fig. 3 — Colheita do mel, com as abelhas voando em redor da personagem que leva um cesto na mão



Fig. 4 — A palmeira-anã, numa zona de mato mediterrânico



Fig. 5 — Tratamento da palma para evitar a sua deterioração

o seu crescimento máximo. No Algarve, o aproveitamento da palma é muito menor e esta colhe-se durante um período mais alargado, pois encontram-se sempre palmeiras a que ainda não foi tirada a palma. Após esta ter sido colhida, cresce novamente.

A palma é transportada em alcofas e espalhada no pátio ou na varanda da casa, para secar ao sol; deste modo, perde a cor verde que tinha no mato, para se tornar amarela.

Depois da palma ficar seca, cortam-se os pés de forma a diminuir o seu comprimento, molha-se e põe-se de novo a secar ao sol. Em seguida, a palma vai a «enxufrar». Nesta operação, que tem o objectivo de evitar a deterioração posterior da palma, começa-se por pôr enxofre num recipiente, que é colocado ao lume. Quando o enxofre começa a deitar fumo e a fundir-se, põe-se o recipiente no fundo dum caixote de madeira, com a palma à sua volta e sobre o próprio caixote (Fig. 5). Tapa-se este com uma peça de tecido que o possa cobrir totalmente, de preferência impermeável, para a palma ficar suficientemente bem resguardada do contacto com o exterior, durante cerca de 24 horas. Após este período, a palma de cada ramo é separada, individualizada, tirando-se a dos lados, mais estreita, para fazer a «baracinha». O pé é cortado na totalidade e a palma mais larga é usada para fazer a «empreita».

É neste momento que, quando se desejam fazer alcofas pintadas, se tingem a palma com anilina vermelha, lilás, azul ou verde.

Para fazer a «baracinha» (a qual serve para coser a «empreita» e revestir as asas da alcofa), começa-se dobrando uma palma ao meio, onde se faz uma pequena argola, enrolando os lados dessa palma um à volta do outro. Para os dextros, é agarrada a ponta da palma do lado direito, entre o indicador e o polegar. Com um movimento circular do indicador, da direita para a esquerda e descrevendo um semicírculo, a palma vai sendo enrolada sobre si própria; o movimento de enrolamento da palma continua-se, da esquerda para a direita, formando um círculo completo. Ainda agarrada entre o indicador e o polegar, a palma é empurrada para a esquerda, para trás da ponta que se mantinha no lado esquerdo, sendo esta empurrada para a direita com o polegar da mão esquerda. Repete-se a mesma operação de enrolamento com esta palma, a qual é depois trocada com a palma do lado esquerdo. A mão esquerda aperta, entre o indicador e o polegar, a «baracinha» no local onde esta acaba e saem as duas extremidades das palmas, para que não se desmanche (Fig. 6). Quando a palma inicial chegar quase ao fim, introduz-se uma outra em cada uma das suas duas extremidades. Continua-se a fazer a «baracinha» até esta atingir o comprimento duma braça. Então, dá-se um nó com as duas extremidades finais da palma. Começa-se uma nova «baracinha», utilizando o mesmo procedimento; assim, juntam-se várias braças desligadas umas das outras (semelhantes a cordas finas feitas de palma) que se podem enrolar, formando novelos grandes de «baracinha», que se guardam até serem usados.

Depois de se ter feito a «baracinha», vai-se fazer a «empreita». Começa-se com duas palmas unidas uma à outra, a que se juntam outras duas também unidas uma à outra, formando uma cruz. Dobra-se um dos lados, sobre a



Fig. 6 — A «baracinha»



Fig. 7 — A «empreita»

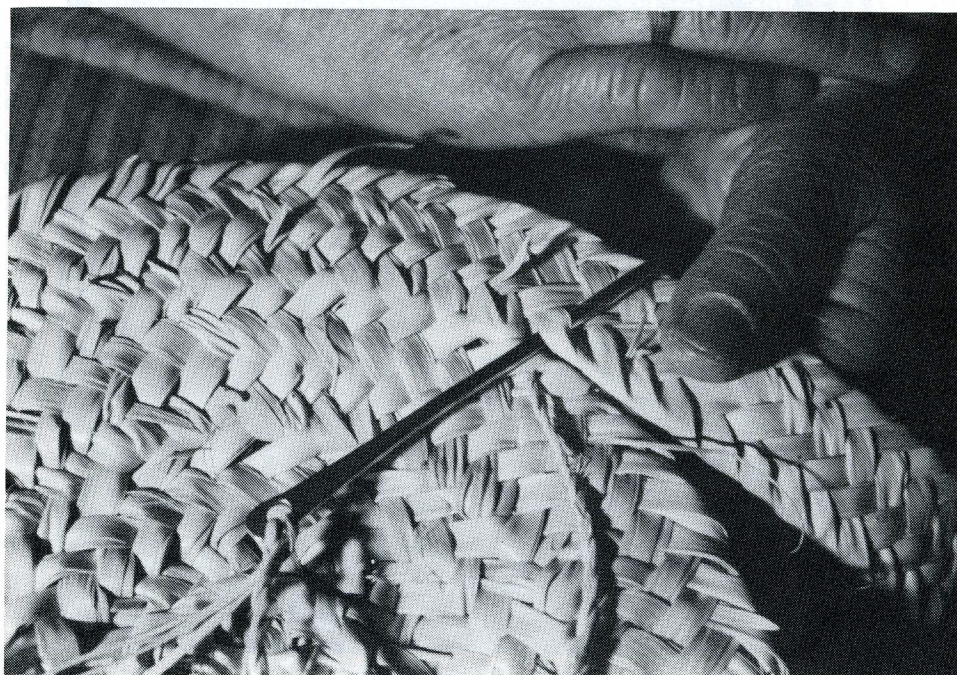


Fig. 8 — Cose-se a «empreita» e revestem-se as asas, com a baracinha

palma que lhe está perpendicular, o qual se vai juntar à sua metade, descrevendo um semicírculo. Obtém-se uma espécie de leque com as quatro pontas da palma. As duas extremidades exteriores vão cruzar com as duas extremidades internas, que assim passam para a parte externa; as do meio ou internas cruzam-se entre si. É neste princípio de entrançado que se vai introduzir uma quinta palma. Deste modo, ficam cinco pontas num lado e quatro no outro (como as palmas com que se começou o entrançado eram duplas, depois de afastadas umas das outras obtemos este número). A extremidade externa do lado que tem cinco palmas, vai passar por detrás das duas palmas que se lhe seguem e cruzar, em seguida, por diante das outras duas. Vai, assim, juntar-se ao lado que tinha quatro palmas, ficando neste cinco e quatro no anterior. Repete-se o mesmo procedimento com a palma mais externa do lado que possui cinco pontas e assim sucessivamente (Fig. 7). Para que a «empreita» fique mais resistente, cada palma deve ser sempre dupla, pelo que deve reforçar-se com outra que se introduz no ponto de onde ela sai do entrançado. Quando a «empreita» tem o comprimento considerado suficiente (o qual depende do tamanho da alcofa que se quer fazer) é posta ao sol para secar. Cortam-se-lhe as extremidades das palmas, que se destacam ao longo do entrançado nos locais onde terminou cada palma. Mede-se a braças e enrola-se depois. Os rolos são salpicados com água e põem-se a secar ao sol. Depois de secos são «enxufrados» — procedimento idêntico ao que foi realizado anteriormente com a palma. Cerca de 24 horas depois, a «empreita» está pronta para ser cosida.

A «baracinha» enfia-se numa agulha de coser alcofas, que é introduzida na parte inicial da «empreita». Partindo desta extremidade, começa-se a coser em círculo, unindo os bordos da «empreita» (Fig. 8). O círculo vai crescendo e quando já tem um diâmetro suficiente para formar o fundo da alcofa, dobra-se a parte externa para cima, de modo a formar um pequeno bordo; continua-se a coser a empreita, mas agora em altura, a fim de fazer os lados da alcofa. De cada vez que a baracinha se acaba, acrescenta-se outra à anterior, por intermédio dum pequeno nó. Continua-se a coser a «empreita» até à sua extremidade final, que também é cosida de forma a não se desmanchar e debrua-se o bordo da alcofa, em todo o seu comprimento, duas vezes.

Neste momento, já se podem colocar a trincha e as asas (vão ser feitas com «empreita» e «baracinha»). Molham-se ligeiramente com água, a «empreita» e a «baracinha», sacudindo-se em seguida. De novo com a agulha, introduz-se a «baracinha» na extremidade da «empreita», cosendo-a ao ponto central externo do fundo da alcofa. A trincha vai sendo cosida à alcofa, do fundo em direcção ao bordo, com pontos largos. Quando alcança o bordo da alcofa, vai formar a porção interna da asa. Continua de novo a ser cosida, mas desta vez no sentido inverso até atingir o ponto de partida; segue-se do mesmo modo, no lado oposto da alcofa, para formar a porção interna da outra asa, regressando depois ao mesmo ponto de origem. A alcofa deve ser dobrada pelo meio no bordo, quando se está a coser a trincha, para verificar se as asas estão a ser colocadas simetricamente, uma em relação à outra. Corta-se a empreita que sobra, de forma a poder introduzir-se a extremidade



Fig. 9 — Confeção da asa

final da trincha, por debaixo da que está no ponto de origem e cose-se. Na parte interna da alcofa, dá-se um nó com a «baracinha» e corta-se esta.

Para terminar a manufactura da alcofa trinchada, apenas falta acabar as asas. Para o fazer, introduz-se a «baracinha» com a agulha, na porção superior da alcofa, na trincha, imediatamente abaixo do ponto onde começa a asa. Desta vez, a «baracinha» está dobrada, formando um fio duplo. Coloca-se um pequeno molho de palma mais fina, na parte inicial da asa, estendendo-o ao longo de todo o comprimento desta última e enrolando a «baracinha» de forma a revesti-lo a toda a volta (Fig. 9). Cortam-se as extremidades da palma que sobrar na parte final da asa; cose-se aí a «baracinha» e dá-se um nó para não se desmanchar. Corta-se a «baracinha», ficando a alcofa concluída (Fig. 10).

Ao longo de todo o trabalho com a palma, esta deve molhar-se sempre um pouco, o que a torna mais maleável, facilitando o seu manuseamento.



Fig. 10 — A alcofa trinchada é muito utilizada para a colheita e o transporte de frutos secos, como por exemplo, alfarrobas

NOTAS

1) Ao longo do artigo, o termo cultura foi utilizado no sentido alargado, de todas as criações — cultura não material — resultantes da actividade mental (que requer o funcionamento da biologia para existir e a interacção social para se desenvolver) e ainda de todas as realizações resultantes da acção do homem (e que exigem conhecimentos técnicos) sobre o seu meio ambiente — cultura material.

2) Designação de diversos recipientes de «empreita», por ordem crescente de tamanho: balaio, balsa, sevilhana, alcofa, quintal, seira, seirão e gorpelha.

3) A recolha dos elementos para a elaboração do capítulo III — «As diferentes fases da manufactura duma alcofa de empreita: a alcofa trinchada» — foi efectuada no sítio de Vale Judeu, freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, no distrito de Faro. A alcofa trinchada (reforçada com a trincha) é o recipiente de «empreita» mais vulgarmente usado para a colheita e transporte de frutos (sobretudo frutos secos) na região do Algarve, onde o fabrico de objectos em palma é uma actividade tradicionalmente feminina.

4) As figuras 1; 2 e 3 foram reproduzidas da obra *Cestería Tradicional Ibérica*, Bignia Kuoni, por cortesia de Ediciones del Serbal, Barcelona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRINGUIER, J.-C., 1978 — *Conversas com Jean Piaget*. Amadora, Livraria Bertrand.
- KUONI, B., 1981 — *Cestería Tradicional Ibérica*. Barcelona, Ediciones del Serbal.
- MAGALHÃES, J. A. R., 1970 — *Para o Estudo do Algarve Económico Durante o Século XVI*. Lisboa, Edições Cosmos.
- TITIEV, M., 1985 — *Introdução à Antropologia Cultural*. Lisboa, Ed. Gulbenkian. 5.^a edição.